

REFERÊNCIAS FREIREANAS PARA A FORMAÇÃO DE EDUCADORES¹

Adriana Regina de Jesus Santos², Elda Damásio de Oliveira³, Francisca Gorete Sepulveda⁴,
Lourdes de Fátima P. Possani⁵, Salomão Mufarrej Hage⁶

Resumo

O presente artigo destaca a importância e atualidade que assume a teoria freireana ao inspirar processos de formação de educadores no Brasil e em muitos países em todo o mundo. Sua produção se insere no âmbito das discussões realizadas na Cátedra Paulo Freire da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como resultado do diálogo estabelecido entre os autores ao compartilhar reflexões acumuladas em suas experiências de participação em processos de formação de educadores em quatro diferentes regiões brasileiras: norte, sudeste, sul e nordeste, respectivamente Pará, São Paulo, Paraná e Alagoas. Em sua íntegra, o artigo analisa como as categorias centrais do pensamento freireano, *práxis*, *diálogo* e *politicidade na educação*, se constituem como elementos fundantes na formação de educadores e educadoras sintonizadas com o tempo presente.

Palavras Chaves: Teoria Freireana; Formação de Educadores; Politicidade na Educação; Diálogo; Práxis.

¹ Texto apresentado no V Encuentro Internacional Fórum Paulo Freire, em Valência, Espanha, setembro de 2006.

² Docente do Ensino Superior e Coordenadora Pedagógica na área da Educação Popular. Doutoranda em Educação pela PUC-SP. arjsantos@marista.org.br

³ Professora da Rede Estadual e Municipal de Ensino de São Paulo (Educação Infantil, Ensino Fundamental e Médio). Mestranda em Educação pela PUC-SP. eldausp@yahoo.com.br.

⁴ Pesquisadora na área de políticas Públicas em Educação de Jovens e Adultos. Mestra em Educação e doutoranda pela PUC-SP. podersaber@uol.com.br

⁵ Docente no Ensino Superior. São Luís. Supervisora Escolar na Rede Municipal de Ensino de São Paulo. Mestra em Educação e doutoranda pela PUC-SP. lourdes@hnet.com.br

⁶ Professor do Centro de Educação da UFPA. Coordenador do Grupo de Estudo e Pesquisa em Educação do Campo na Amazônia – GEPERUAZ. Doutor em Educação pela PUC-SP. salomao@uol.com.br

Introdução

Esse texto que ora apresentamos foi construído num processo interativo de compartilhamento de reflexões e experiências acumuladas no âmbito da formação de educadores e educadoras⁷, inspiradas pela concepção freireana de educação.

Contou significativamente para a sua elaboração o fato dos autores estarem participando da Cátedra Paulo Freire, criada em 1998, no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Educação: Currículo, da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, onde Freire atuou como professor desde sua volta do exílio, por um período de 17 anos (1980-1997); e que se constitui atualmente num espaço especial para o desenvolvimento de estudos e pesquisas sobre/e a partir da obra de Paulo Freire, focalizando as suas repercussões teórico-práticas para a educação e a sua potencialidade de fecundar novos pensamentos (Saul, 2006).

Nesse ambiente de pesquisa, motivados pela perspectiva de aprofundar determinados focos temáticos considerados estratégicos para a implementação de políticas e práticas educacionais contemporâneas, sob forte influência das contribuições teóricas de Paulo Freire, decidimos focar a problemática que envolve a formação de educadores.

O processo de produção desse texto teve início com um diálogo estabelecido entre os autores no sentido de compartilhar as reflexões que têm acumulado com as experiências desenvolvidas nos processos de formação de educadores em três estados brasileiros: Pará, São Paulo, Paraná e Alagoas, que se localizam respectivamente nas regiões norte, sudeste, sul e nordeste do Brasil.

A primeira experiência denomina-se “Programa Educação Cidadã na Transamazônica” e constitui-se numa ação educativa que oferece alfabetização e escolarização de jovens e adultos nos níveis fundamental e médio, em assentamentos de reforma agrária da região da Transamazônica, localizada no Oeste do Estado do Pará. O referido programa se insere nas atividades de extensão da Universidade Federal de Pará desde 2002, sendo desenvolvido em

⁷ A partir daqui, somente por uma questão de espaço no texto, usaremos apenas o gênero masculino para nos referirmos a educadores e educadoras, educandos e educandas, trabalhadores e trabalhadoras etc.

parceria com o movimento social da Região da Transamazônica e o Ministério do Desenvolvimento Agrário.

O Programa Educação Cidadã na Transamazônica assume como pressuposto a base da educação popular, fundada na concepção freireana, que tem no diálogo a dinâmica fundante do processo educativo, efetivado com o intuito de gerar um impacto na qualidade de vida dos trabalhadores do campo. No âmbito desse Programa, tem-se desenvolvido várias ações relacionadas à formação inicial (em nível de ensino médio) e continuada dos educadores com o objetivo de prepará-los para atuar competentemente no processo alfabetização e de escolarização nas séries iniciais dos trabalhadores do campo, que vivem em 37 áreas de assentamentos da Região da Transamazônica.

A segunda experiência de formação de professores se desenvolveu na cidade de São Paulo com a participação de 1.500 educadores que trabalham com Educação de Jovens e Adultos (EJA) nas escolas da Rede Municipal de Ensino que trabalham com jovens e adultos. Esta experiência teve como foco a reorientação curricular da EJA, com destaque para os temas currículo e necessidades básicas de aprendizagem.

A experiência relatada constitui apenas um dos momentos num processo que envolveu outras estratégias e outros temas de interesse dos educadores da EJA, e em todos eles, mantiveram-se os mesmos pressupostos, calcados nos princípios da educação libertadora, que implica em assumir o diálogo como um dos elementos fundantes do processo formativo. Este diálogo foi forjado pela Secretaria Municipal de Ensino com o objetivo de construir novos currículos para a EJA, procurando fazer da escola um espaço inclusivo e prazeroso para quem ensina e para quem aprende, com a qualidade social requerida para esta modalidade de ensino.

A terceira experiência é fruto de estudos e pesquisas que vêm se realizando no Estado do Paraná referente às questões de gênero e currículo, cujo principal objetivo tem sido evidenciar as identidades que o currículo real vem produzindo e as representações que a sociedade tem a respeito do trabalho docente.

A quarta experiência trata-se da formação de educadores do Programa Alfabetização Solidária, cujo objetivo é melhorar os indicadores em Alfabetização de Jovens e Adultos no Brasil, atuando nas regiões Norte e Nordeste, onde há baixo índice de desenvolvimento humano. O trabalho aconteceu nos estados de Alagoas, Maranhão e Paraíba, cujo desafio foi preparar jovens do ensino Fundamental e Médio, oriundos desses estados, para alfabetizar suas comunidades.

Como se tratava de jovens que iniciavam as primeiras experiências como educadores, procurou-se trabalhar um referencial prático e teórico, enfatizando os princípios freireanos do diálogo como mediador do ato de educar, e da cultura como redescoberta do meio social, a fim de despertar nos alfabetizandos, através de seus saberes e fazeres locais e comunitários, a aquisição sistemática de suas experiências humanas, a dimensão democrática do fazer e do compartilhar na perspectiva de mudanças e na visão crítica de não apenas estar, mas participar da construção de sua existência, no mundo e com e mundo.

Nas quatro experiências, as referências da teoria freireana têm se constituído como princípio fundante dos processos de formação de educadores por elas efetivados, conforme visualizamos na breve apresentação das mesmas, e em vista dessa constatação, objetivando compartilhar as reflexões que temos acumulado com a nossa participação nessas experiências, elaboramos esse texto orientados pelo seguinte questionamento: **Como a contribuição do pensamento de Paulo Freire tem inspirado os processos de formação de educadores efetivados pelas experiências em questão?**

A resposta coletiva a esse questionamento, deu origem às partes seguintes desse texto, que consistem em explicitar como as categorias centrais do pensamento freireano, práxis, *diálogo* e *politicidade na educação*, se constituem como elementos fundantes na formação de educadores sintonizados com o tempo presente.

Politicidade: um desafio na formação de educadores sintonizados com o tempo presente

Nas experiências educativas acima citadas, a inspiração de Paulo Freire tem se feito notar com grande expressividade, destacando-se a importância da *politicidade* como um dos elementos centrais na formação de educadores.

Ao incorporarmos a discussão sobre a temática da politicidade realizada por Freire nos processos formativos de educadores que efetivamos, o fazemos com a expectativa de que esses profissionais compreendam a dinâmica complexa que constitui a sociedade contemporânea, marcada por um processo de modernização conservadora em curso, que inclui relações de poder, permeadas por conflitos e alianças em torno da disputa pela hegemonia, orientadas por perspectivas diversas que incluem a manutenção do *status quo*, as resistências e ações contra-hegemônicas que são estabelecidas entre grupos e pessoas na sociedade.

Esses conhecimentos são fundamentais para que os educadores entendam a não neutralidade da ação humana e das narrativas que tem sido construídas e disseminadas na atualidade nos vários espaços sociais e educativos existentes, constituindo políticas culturais que atuam no sentido de formar e conformar o imaginário social e o senso comum da população, estabelecendo padrões de sociabilidade, éticos, estéticos, e interferindo, com isso, nas formas de pensar, sentir e agir do seres humanos no cotidiano.

O conhecimento da complexidade que permeia a dinâmica social na contemporaneidade torna-se assim um pré-requisito para que o educador compreenda a natureza de seu papel na educação e na sociedade, e a função social que a educação pode e/ou tem assumido na atualidade. E, no caso, a inspiração no pensamento freireano têm apontado na direção de assumirmos a educação enquanto “*ação cultural para a liberdade*”, “*formação e emancipação humana*”, “*problematizadora*”, “*dialógica*”, “*transformadora*”, fundada numa “*Pedagogia da pergunta*”, “*da esperança*”, “*da autonomia*”, “*do oprimido*”...

Educação para quê? Para quem? Mais do que uma retórica repetida muitas vezes sem muita expressividade no meio educacional, estas questões retomam sua força significativa ao

influenciar no horizonte dos processos formativos de educadores-educandos, que buscam a existência de profissionais comprometidos com o tempo presente, cientes dos conflitos e das contradições que movem a sociedade global e local, e posicionados diante da existência da opressão, da discriminação e da hierarquia que fortalece as desigualdades presentes na sociedade contemporânea.

Toda essa intencionalidade política que permeia a ação educativa e docente quando assumida em sua radicalidade, torna-se um diferencial nos processos formativos dos educadores, contribuindo para que os mesmos ampliem sua consciência crítica e assumam um compromisso mais efetivo com as lutas e as aspirações dos grupos minoritários da sociedade, que ajudem a cultivar a esperança e a inserção dos seres humanos em espaços e movimentos sociais que afirmem o direito à vida com dignidade, à educação, habitação, saúde; confrontando as desigualdades e a hierarquia de classe, raça/ etnia, gênero, idade, religião e região atualmente acirradas na sociedade.

Ao buscarmos inspiração na premissa freireana de que os homens e as mulheres são seres inacabados, que buscam continuamente e incessantemente sua humanização, pretendemos dar visibilidade à função social que a educação assume na formação das pessoas ao torná-las cada vez mais humanas, plenas, felizes; isso quando ela é entendida enquanto instrumento não neutro de socialização/ construção de conhecimentos produzidos coletivamente na sociedade, que viabiliza a leitura e interpretação de mundo e da palavra, que pode contribuir significativamente para a ampliação da participação popular e fortalecimento do controle social, constituindo-se enquanto condição necessária, mas não suficiente para a transformação da sociedade.

Entra em cena nessa perspectiva o conjunto de reflexões realizadas por Paulo Freire sobre o *Currículo e a construção do conhecimento*, as quais nos ajudam a identificar todos os seres humanos como portadores de cultura e de conhecimentos e a compreender o currículo numa visão ampliada, entendido como um artefato cultural, construído coletivamente por todos os sujeitos envolvidos no processo educacional, numa relação dialógica, que envolve

conflito e poder, disputas ideológicas, culturais e identitárias que, de forma coletiva, estabelecem alianças e compromissos para interferir e liderar na seleção e legitimação dos conhecimentos, valores, ideologia, padrões culturais e de sociabilidade nos diferenciados espaços e processos de formação dos seres humanos.

As contribuições de Freire nos ajudam no sentido de propiciar aos educadores a compreensão sobre a existência desses processos, estimulando-os a tomar posição nas disputas em que se define “quê conhecimentos?”, “os conhecimentos de quem?”, “quem é autorizado a participar da definição?” e que implicações essas definições impõem aos grupos que têm pouco poder para interferir nelas, como é o caso dos grupos populares e menos favorecidos em nossa sociedade? Ajudam também a compreender de forma mais ampliada a Educação e o Currículo enquanto espaços de disseminação de políticas e práticas culturais, que interferem em grande medida na produção das identidades culturais e na produção/reprodução da sociedade. Nesses espaços os conflitos culturais se manifestam com muita intensidade e, na maioria dos casos, são muito acirradas as investidas que os grupos com maior poder têm efetivado em processos de negação das culturas dos grupos minoritários. Por outro lado, os processos de resistência e contestação se fazem existir e precisam ser fortalecidos, com a construção de propostas educativas e curriculares que afirmem os padrões identitários e culturais dos grupos discriminados e excluídos da sociedade, ao serem permeadas pelo reconhecimento e valorização das diferenças e da alteridade.

Diálogo: constituidor de sujeitos educadores-educandos de educandos-educadores

O diálogo enquanto condição da existência dos seres humanos nos torna verdadeiramente humanos, porque participamos do ato de dizer o mundo e de transformá-lo. Todos os seres humanos são sujeitos de direito e, portanto, têm o direito de participar ativamente das decisões fundamentais que versam sobre sua vida e sobre a humanidade, numa

perspectiva mais ampla. Na visão freireana a participação é vista como caminho de realização democrática. Não é concessão; é conquista de espaço para voz, para voto, para intervenção.

O conceito de participação está também ligado ao princípio de que todos têm conhecimento e que o conhecimento não se constrói com uns sobre ou para os outros e sim na relação com os outros. Neste sentido, o diálogo é relacionado á possibilidade do exercício democrático dos educadores em sua prática pedagógica. Neste sentido, Freire (1995) relaciona o diálogo à possibilidade do exercício democrático dos educadores em sua prática pedagógica.

Assumir uma postura dialógica pressupõe a humildade como elemento fundamental para nos permitir ouvir os outros e a expressar nossa própria voz; ajuda a compreender que todos temos o que dizer com relação ao processo educacional. Para Freire (2001) “... o diálogo é uma espécie de postura necessária, na medida em que os seres humanos se transformam cada vez mais em seres criticamente comunicativos” (p.123).

A humildade traz um sentido profundo enquanto condição do diálogo, pois ouvir o outro não é apenas ficar calado diante do outro; o diálogo se faz no respeito ao que o outro diz, ao que outro traz para a relação e esta não está isenta de conflitos. No conflito se produzem novos conhecimentos, afirmam-se idéias e ideais, reafirmam-se desejos e explicita-se a posição em que cada um está e para onde se quer chegar. Não há neutralidade no diálogo; ele se constrói de forma articulada e carregada de intenções.

O diálogo proporciona a interação dos seres humanos entre si, dos espaços sociais, institucionais e educacionais entre si, das várias áreas de conhecimento, das diversas culturas etc... e é pelo diálogo que se pode constitui o sujeito educativo. Como educador, no momento em que ele ensina também aprende e é nessa dialeticidade que a educação se manifesta em toda a sua intensidade.

Se o educador enquanto ensina, aprende, portanto, é um educador-educando, permite que o educando, enquanto aprende, também ensina, tornando-o um educando-educador. Assim, educadores-educandos de educandos-educadores, não importa o nível de formação dos

sujeitos, aprendem e ensinam a vida toda, pois não existe a ignorância absoluta e nem a sabedoria absoluta. Isto implica em conceber todo educando e educador como sujeitos de saberes, inacabados enquanto seres humanos, com possibilidades de formarem-se enquanto sujeitos críticos, reflexivos, capazes de refletirem sobre sua própria prática, no sentido de transformá-la. Em Freire (1996) “A reflexão crítica sobre a prática se torna uma exigência da relação teoria/prática sem a qual a teoria pode ir virando blábláblá e a prática, ativismo (p.24).

Na formação em que vimos efetivando nossas experiências formativas de educadores o diálogo é imprescindível na construção de relações horizontais entre educadores e educandos para forjar novas relações no ato de ensinar e aprender. Para Freire (1996) “não há docência sem discência, as duas se explicam e seus sujeitos apesar das diferenças que os conotam, não se reduzem à condição de objeto um do outro. Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender” (p.23).

Nossa experiência na formação de educadores, baseada nos fundamentos freireanos revelam a ousadia de tentar novos modos de fazer educação, rompendo com velhos modelos e forjando possibilidades de se construir conhecimentos numa relação dialógica, onde todos aprendem e todos ensinam. Isto não significa que aqueles que propõe a formação não devam ter diretividade e objetivos definidos em seu trabalho. Para Freire (2000) “é certo que homens e mulheres podem mudar o mundo para melhor, para fazê-lo menos injusto, mas a partir da realidade concreta a que chegam a suas gerações. ... O que não é possível é se quer pensar em transformar o mundo sem sonho, sem utopia ou sem projeto” (p.53).

Da mesma forma como não é possível mudar o mundo sem projeto, sem utopia, não é possível mudar a educação sem um projeto de mudança consciente de suas possibilidades e de seus limites. Para Freire (2000) “É a relação entre a dificuldade e a possibilidade de mudar o mundo que coloca a questão da consciência na história, na questão da decisão, da opção, a questão da ética e da educação e de seus limites” (p.39).

Práxis: reflexão e ação como elementos fundantes na formação de educadores

Analisar a práxis, tendo como parâmetro o processo teórico-metodológico, significa nos compreendermos como sujeitos históricos, políticos, ideológicos, culturais, sociais, estéticos, enfim, sujeitos em sua dimensão de inteireza e de totalidade, possibilitando assim, uma análise em relação à concepção de mundo, de conhecimento, de sociedade, de sujeitos. Contudo, esta prática requer a tessitura de novos fios e redes teórico-metodológicos, de novos olhares crítico-reflexivos acerca do que produzimos no contexto concreto de vivência da práxis pedagógica. Para tanto, as idéias freireanas tem contribuído para o processo de formação docente no âmbito das experiências formativas no que se refere à reflexão crítica da prática pedagógica que implica em saber dialogar e escutar, que supõe o respeito pelo saber do educando e que reconhece a sua identidade cultural.

Freire (1979) se refere à teoria como um "contemplar", certamente sendo fiel à etimologia da palavra que vem do grego, e significa VER. Daí o sentido de teoria como observar, contemplar, ver. Na sua compreensão, teoria é um princípio de inserção do homem na realidade como ser que existe nela e, existindo, promove a sua própria concepção da vida social e política. Segundo o autor, de teoria, na verdade, precisamos nós. Da teoria que implica uma inserção na realidade, num contato analítico com o existente, para comprová-lo, para vivê-lo e vivê-lo plenamente, praticamente. Neste sentido é que teorizar é contemplar; não no sentido distorcido que lhe damos, de oposição à realidade.

Com efeito, ao enfatizar o caráter contemplativo da teoria, Paulo Freire garante a inserção do homem na realidade e deixa claro que teoria é sempre a reflexão que se faz do contexto concreto, isto é, deve-se partir sempre de experiências do homem com a realidade na qual está inserido, cumprindo também a função de analisar e refletir essa realidade, no sentido de apropriar-se de um caráter crítico sobre ela. Para ele, a teoria não será identificada se não houver um caráter transformador, pois só assim estará cumprindo sua função de reflexão sobre a realidade concreta; diz que é necessário não só conhecer o mundo, é preciso

transformá-lo, pois conhecer não é um ato passivo do homem frente ao mundo, é antes de tudo conscientização, envolve intercomunicação, intersubjetividade, que pressupõe a educação dos homens entre si mediatizados pelo mundo, tanto da natureza como da cultura. Assim, a prática não pode ater-se à leitura descontextualizada do mundo, ao contrário, vincula o homem nessa busca consciente de ser, estar e agir no mundo num processo que se faz único e dinâmico, apropriando-se da prática e dando sentido à teoria. Para Freire, a práxis, porém "é ação e reflexão dos homens sobre o mundo para transformá-lo" (1983, p.40).

A relação entre teoria e prática centra-se na articulação dialética entre ambas, o que não significa necessariamente uma identidade entre elas. Significa assim, uma relação que se dá na contradição, ou seja, expressa um movimento de interdependência em que uma não existe sem a outra. A esse respeito, Freire (1983) reitera que é o jogo dessas relações do homem com o mundo e do homem com os homens, desafiando e respondendo ao desafio, alterando, criando, que não permite a imobilidade, a não ser em termos de relativa preponderância, nem das sociedades nem das culturas. E, na medida em que cria, recria e decide, vão se conformando as épocas históricas.

Na afirmação acima está a base para entender teoria e prática na ação pedagógica, pois a relação entre teoria e prática se dá primeiro e antes de tudo na relação homem-mundo. Esta relação busca coerência entre pensamento e ação que é a práxis. Do contrário, a ação sem pensamento é ativismo, e o pensamento sem ação é verbalismo.

Diante dessas afirmações, é indispensável para o educador considerar que nesta perspectiva se conseguirá superar a tendência tão freqüente de trabalhar a teoria e a prática dissociadas entre si. Para tanto, é necessário compreender que teoria e prática não se separam, ou seja, o vínculo teoria e prática forma um todo onde o saber tem um caráter libertador.

Considerações finais

Focar os processos formativos de educadores é uma questão fundamental no âmbito do pensamento freireano, dada a importância que esses profissionais assumem no processo educativo dialógico, que toma os seres humanos e portanto, os próprios educadores, como seres inconclusos, que tem a perspectiva de “ser mais”, em todos os momentos de sua existência.

Freire durante sua vida, em seus escritos, destacou a necessidade de formação permanente dos educadores como condição para as mudanças necessárias que pretendemos efetivar em relação ao currículo, à aprendizagem, à prática pedagógica, enfim, em relação ao papel da escola e da educação que se estabelece em todos os espaços da sociedade.

Inspirados por essa mesma perspectiva, procuramos refletir em nosso texto, como as referências freireanas, sobretudo a politicidade, o diálogo e a práxis, tem se constituído enquanto princípios fundantes que motivam a realização de processos formativos de educadores e educadoras em diferentes experiências efetivadas em espaços geográficos e culturais bastante diferenciados.

Esperamos que as reflexões aqui apresentadas possam instigar e inspirar outras experiências formativas de educadores que se identificam pela aposta nesses mesmos princípios em outras localidades e em outros contextos sociais e culturais.

Referências Bibliográficas

APPLE, W. Michael e NÓVOA, António. *Paulo Freire: política e pedagogia*. Porto: Porto Editora, 1998.

FREIRE, Paulo e Shor, Ira. *Medo e ousadia: o cotidiano do professor*. 9a. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2001.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos*. São Paulo: UNESP, 2000.

_____. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 27 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

_____. *Política e educação*. São Paulo: Cortez Editora, 1993.

_____. *Professora sim, tia não. Cartas a quem ousa ensinar*. São Paulo: Editora Olho d'água, 1993.

_____. *A educação na cidade*. São Paulo: Cortez Editora, 1991.

_____. *Pedagogia do oprimido*. 13.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

_____. *Educação como prática da liberdade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

SAUL, Ana Maria. *Los aspectos metodológicos y pedagógicos: retos de cara a la renovación curricular*. In Núñez, Carlos (org.). *Propuestas de Paulo Freire para una renovación educativa*. México: ITESO, CEAAL, CREFAL, 2005.

SAUL, Ana Maria (org.). *Paulo Freire: um pensamento atual para compreender e pesquisar questões do nosso tempo*. São Paulo: Editora Articulação Universidade /Escola, 2005.

_____. *Paulo Freire e a formação de educadores: múltiplos olhares*. São Paulo: Editora Articulação Universidade Escola, 2000.